

RUBEM BRAGA

MINAS, ETC.

ENQUANTO nosso govêrno continua sem nenhum programa definido, e vai fazendo o jôgo da inflação com promessas e negaças, improvisando «aberturas de portos» e outros boatos, abrindo os braços do capital estrangeiro e de repente voltando atrás — a Argentina e o Chile cuidam, muito a sério, de pôr em ordem as finanças e a economia.

Na Argentina o ministro Blanco cumpre as recomendações do doutor Prebisch, sem prestar a menor atenção à grita dos políticos que, desde o radicalismo até a extrema esquerda, exploram o lado impopular do plano. No Chile, o velho Ibañez, enjoado de mudar de ministros, cada um com seu plano, entra em um acôrdo sério com a direita, faz uma boa base parlamentar — e o ministro Herrera, assessorado minuciosamente pela missão Klein & Saks, toca para a frente seu «câmbio livre flutuante» com notável firmeza.

Longe de mim a idéia de opinar sôbre qualquer um dêsses dois planos. São tentativas de recuperação que até agora têm apresentado resultados apreciáveis, e que tanto podem dar certo como fracassar. Mas são planos levados a sério, cumpridos pelos dois govêrnos em tôda a esfera financeira, econômica e administrativa, sem atentar para seus aspectos momentaneamente impopulares nem também para os interesses privados de alguns setores da classe alta que êles inevitavelmente afetam. Seus efeitos até agora não são sensíveis apenas no sentido prático de saneamento da moeda, mas também na formação de um melhor clima psicológico de confiança e de moralização.

Mientras tanto continuamos aqui a navegar sem leme, ou com o leme acionado por algum pé-de-valsas; vamos à bubuia, alegremente, para as sete-quedas da ditadura ou da anarquia, assobiando retrôos de antigos carnavais, ou, se preferem, velhos «coretos» de Diamantina; notando-se, ao fundo, rufo de tambores. Oh, Minas Gerais!... Vou contar um caso que é todo verdadeiro.

Querendo me informar um pouco, no Chile, sôbre a reforma cambial andei conversando com pessoas de um partido e outro, li jornais e revistas de tendências variadas, e a certa altura um amigo me facilitou uma conversa com um dos membros da Missão Klein & Saks. Procurei o americano no edificio do Banco Central e durante uma hora lhe fiz uma série de perguntas a que êle foi respondendo com precisão e boa vontade. Não era uma entrevista, de maneira que êle falava à vontade, e seu ponto de vista era geralmente otimista, embora acentuasse sempre que qualquer alteração no jôgo de lôrças políticas poderia derubar o programa inteiro. Mas houve um momento em que êle se mostrou pessimista, foi ao falar das medidas do govêrno, recomendadas pela missão, para evitar a evasão fiscal. Só no impôsto sôbre a renda êle calculava uma evasão tão monstruosa que, a seu ver, um lançamento preciso e uma cobrança enérgica e séria poderia aumentar umas seis vêzes o seu produto. Mas não tinha grandes esperanças.

— «No Chile ninguém paga impostos. E' incrível! Pior do que o Chile só Minas Gerais!».

Levei um susto. O homem me explicou que foi membro da Comissão Mista Estados Unidos-Brasil e demorou algum tempo em nosso país. Disse que os brasileiros têm o direito de praticar muitos erros, porque o Brasil é um continente e as coisas acabam dando certo. Mas quanto a Minas Gerais... E o homem elevou as mãos ao céu.

Contei essa história a um amigo mineiro e êle riu:

— Ah, é isso mesmo. Quando você cobra um impôsto a um mineiro êle considera isso perseguição política. E' a tradição. Você pensa que teria havido a Inconfidência se não fôsse por causa do tal lançamento dos quintos?